

Andrey Tikhomirov

---

# **Povos românicas**

Migrações indo-européias

Andrey Tikhomirov

**Povos românicas.  
Migrações indo-européias**

«Издательские решения»

**Tikhomirov A.**

Povos românicas. Migrações indo-européias / A. Tikhomirov —  
«Издательские решения»,

ISBN 978-5-44-981254-4

O livro fala sobre os antigos movimentos migratórios dos povos românicos depois que eles deixaram seu lar indo-europeu original, a região estepe dos Urais do sul, o Mar Negro.

ISBN 978-5-44-981254-4

© Tikhomirov A.  
© Издательские решения

## Содержание

Povos indo-europeus	6
Конец ознакомительного фрагмента.	19

# **Povos românicas Migrações indo-européias**

**Andrey Tikhomirov**

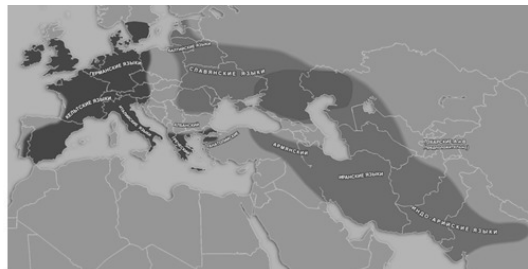
© Andrey Tikhomirov, 2020

ISBN 978-5-4498-1254-4

Created with Ridero smart publishing system

## Povos indo-europeus

Idiomas indo-europeus – uma das maiores famílias de idiomas do mundo, que inclui os seguintes grupos: hitto-luwiano ou anatólio; Indo-ariano ou indiano; Iraniano Armênio Frígio; Grego Trácio; Albanês; Ilírio; Veneziano Italiano Romance Celta Alemão Báltico; Eslavo Tochariano; Apresentado em todos os continentes habitados da Terra, o número de falantes excede 2,5 bilhões. Segundo os pontos de vista dos linguistas modernos, faz parte da macrofamília das línguas nostráticas, a língua indo-européia, de acordo com a hipótese do cientista dinamarquês H. Pedersen, desenvolvido por V.M. Illich-Svitych e S.A. Starostin está incluído na macro-família nostrática (da palavra latina *noster* – nossa), entre as quais ele é especialmente próximo das línguas kartvelianas (georgiano, mingreliano, Chan, Svan), que, como ele, têm uma ablaut (vogais alternadas em um morfema). O linguista dinamarquês X. Pedersen apresentou uma hipótese sobre a conexão genética das línguas de várias famílias maiores, que eram consideradas não relacionadas. Estudos científicos mostraram a validade da combinação de indo-europeus, semíticos, hamíticos, uralicos, altai e algumas línguas em uma grande macro-família nostrática de línguas. Esta macrofamília se desenvolveu no Paleolítico Superior no território do sudoeste da Ásia e nas regiões adjacentes a ele. Durante a retirada da última glaciação de Wurm e do aquecimento climático no Mesolítico, as tribos nostráticas se estabeleceram em todo o vasto território da Ásia e da Europa; eles se afastaram e assimilaram parcialmente as tribos que já haviam vivido lá antes. Nesse processo histórico, as tribos nostráticas formaram várias áreas isoladas onde começou a formação de famílias de idiomas especiais. A maior delas, a comunidade linguística indo-européia, começou a se formar no território dos Urais do Sul e depois na “Grande Estepe” – de Altai ao Mar Negro.



Áreas indo-européias de Kentum (azul) e Satem (vermelho). A área inicial estimada de satélite é mostrada em vermelho brilhante. A divisão Kentum-satem é chamada isogloss na família de línguas indo-européias, relacionada à evolução de três linhas de consoantes dorsais reconstruídas para a língua pré-indo-européia (PIE), \* k-W (labio-velar), \* k (velar) e \* k; (câmara). Os termos são derivados de palavras que significam o número “cem” nos idiomas representativos de cada grupo (latim *centum* e Avestan *satem*).

Estudos arqueológicos mostram que a terra natal dos indo-europeus é a região dos Urais do Sul, onde eles se formaram como um grupo de idioma único. As línguas indo-européias são formadas nos tempos antigos e vêm de uma única língua pra-indo-européia, cujos falantes viveram cerca de 5 —6 mil anos atrás. Em 1903, Keshav Gangadhar Tilak (1856 – 1920 anos de vida) escreveu o livro “A Casa Ártica nos Vedas”. Nele, ele argumentou que os Vedas só podiam ser compostos no Ártico, e os bardos arianos (indo-europeus) os trouxeram para o sul após o início da última era glacial. No território dos Urais do Sul, formam-se crenças antigas, que se tornaram a base das religiões subseqüentes: o Vedismo e o Mazdaísmo, que, por sua vez, evoluíram das crenças primitivas. Tomando emprestado um do outro e de crenças anteriores, várias idéias e idéias são criadas com base nas condições específicas da existência humana, tais como: Vedismo – Bramanismo – Hinduísmo, no

século VI aC, o budismo e o jainismo surgem como uma oposição ao bramanismo, que santifica a casta. sistema na Índia. Zoroastrianismo – mitraísmo no Irã (a palavra “Irã” remonta à palavra “ariano” e, por sua vez, remete à palavra “árias” – “carneiro, áries”, no latim “aries”, “um antigo animal totem dos habitantes dos Urais do sul” Judaísmo – Cristianismo – Islã na Ásia Menor, Xintoísmo no Japão, Taoísmo e Confucionismo na China.

O aquecimento gradual causou o derretimento das geleiras, que recuou para o norte, e a terra começou a despertar para a vida, surgiram brotos jovens – plantas, que foram comidas com prazer pelos animais que migraram junto com o derretimento das geleiras. Caçadores primitivos que caçavam animais migratórios os seguiam. A cordilheira dos Urais era o centro da glaciação dos Urais, o gelo das montanhas fluía da cordilheira nas planícies durante o aquecimento, formando mares e lagos; as geleiras das montanhas dos Urais deram origem a icebergs no Oceano Ártico. A glaciação antiga foi mais claramente expressa no norte das montanhas dos Urais: nos Urais polares e subpolares. No Holoceno (15 a 10 mil anos atrás, época pós-glacial), devido ao aquecimento climático significativo, o tamanho da antiga glaciação do Pleistoceno (Quaternário Inferior) diminuiu acentuadamente. Neste momento, a maioria das geleiras dos Urais desaparece. Um novo resfriamento nos Urais durante o chamado período subatlântico (meados do primeiro milênio aC – 3—4 séculos dC) levou ao surgimento de novas geleiras que antecederam as modernas.

Os indo-europeus antigos constroem aldeias fechadas especiais. Os indo-europeus aprenderam a extrair minérios do pântano e fundir ferro com eles. O ferro era metal acessível e barato para eles. Os minérios de ferro são mais difundidos que o cobre e o bronze e, portanto, não existe monopólio sobre esse metal: seus minérios em grandes quantidades são formados sob a influência de microorganismos em pântanos e outros corpos de água permanentes. E a área de reassentamento dos arianos foi caracterizada por uma abundância de lagos e pântanos. O ferro era facilmente extraído, mas sua fundição e processamento exigiam certas habilidades, o que impulsionou o desenvolvimento generalizado da ferraria e de outros ofícios. Ferramentas de ferro substituíram o bronze macio e finalmente substituíram a pedra. Através do uso de foices, arados, foices e machados de ferro, necessários para a condução da agricultura de corte e queima, a agricultura ariana começou a se desenvolver mais intensamente. Os assentamentos começaram a se formar em todos os lugares, entre os quais se estabeleceu um comércio animado ao longo do tempo.

O significado geral aqui foi provavelmente o seguinte. Os antigos arianos usavam essas terras pantanosas para obter minério, quando o minério estava esgotado, as aldeias foram queimadas, as valas foram preenchidas. Portanto, as aldeias existem por cerca de 100—200 anos. O principal era manter o segredo da tecnologia (know-how) para a fabricação de vários produtos de metal usando técnicas de metalurgia, para que outras tribos não soubessem disso e deixassem a concorrência.

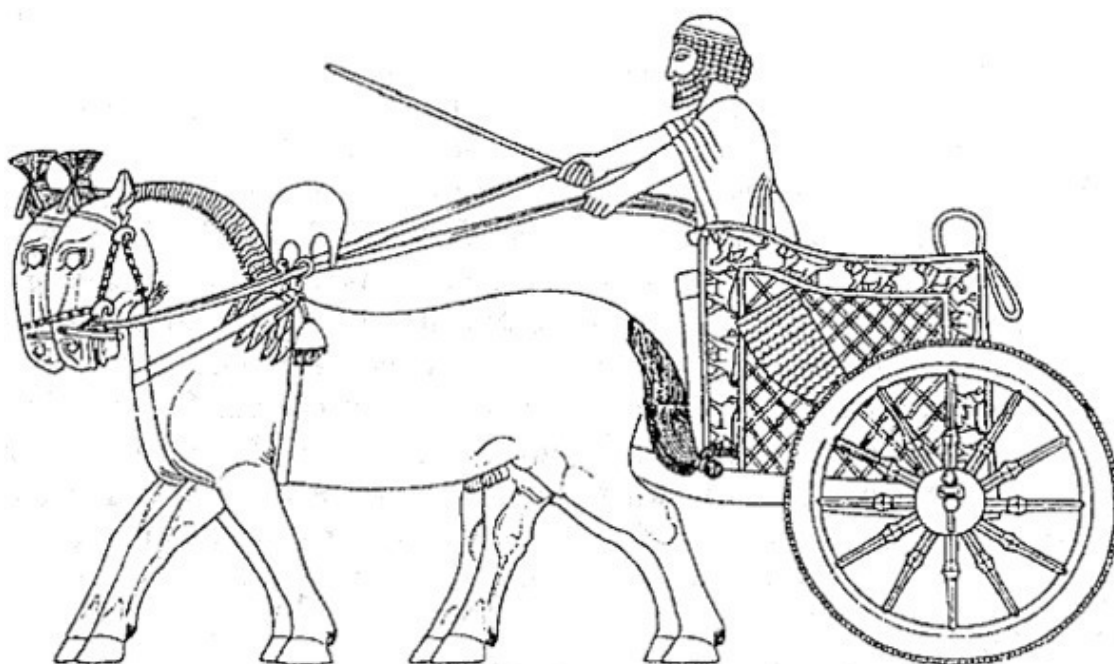
De acordo com uma hipótese, os antigos arianos fizeram um movimento gigantesco das estepes do sul do Ural, passando pelo sul da Ucrânia, da península balcânica para Micenas e depois para o Irã e a Índia. É possível que tenham sido eles que trouxeram para Micenas e Ásia Menor uma cultura de criação de cavalos, anteriormente desconhecida ali, a arte de fazer e usar carros de guerra. A carruagem mais antiga encontrada no mundo a partir da cultura Arkaim (datada de 2026 aC).

*Carruagens e imagens de cavalos de Arkaim (1, reconstrução), Persépolis (2 Irã), Egito (3), Suméria (4):*

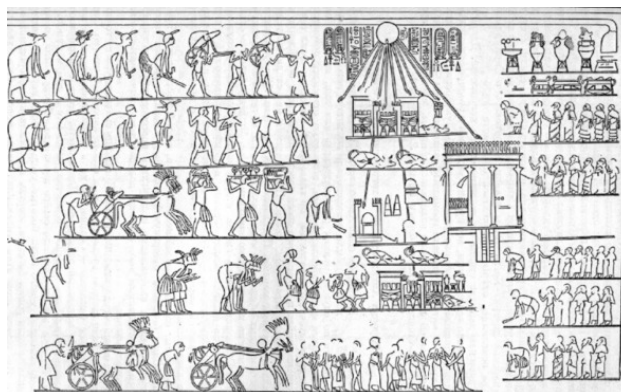
(1)



(2)



(3)



(4)



Cerca de 4 mil anos atrás, as tribos indo-européias, ou então os arianos, deixaram sua terra natal no sul da Rússia moderna. Alguns deles se mudaram para o sul, para as terras agora dentro das fronteiras do Irã e depois para a Índia. Outros se mudaram para a Anatólia (o território da Turquia moderna).

Do terceiro milênio aC ao século VII aC, a grande migração de povos do Oriente Médio para a Ásia Central e a Índia ocorre em ondas. Nos Urais do Sul (regiões de Chelyabinsk e Orenburg, Bascortostão, norte do Cazaquistão), existe uma famosa cultura arqueológica que inclui dezenas de monumentos antigos semelhantes, nomeados em homenagem ao assentamento mais famoso – a cultura Arkaim (em Arkaim, na região de Chelyabinsk, 26 cidades e atualmente) Chelyabinsk, regiões de Orenburg, Bascortostão e norte do Cazaquistão). O “País das Cidades” está localizado na região de Chelyabinsk, Orenburg, Bashkortostan da Federação Russa e norte do Cazaquistão. Os assentamentos estão espalhados por um território com um diâmetro de 350 km. O termo “País” descreve melhor essa localização das cidades. Além do fato de todas as cidades encontradas terem sido construídas em um território compacto no mesmo período, no mesmo estilo arquitetônico e com o uso das mesmas soluções de engenharia, materiais similares e outras propriedades unificadoras também são visíveis. As cidades da cultura Sintashta eram habitadas por pessoas de um etno (pertencentes aos caucasianos) e realizavam atividades econômicas semelhantes. A idade dos monumentos é a mais nova deles, com 3700 anos.

Arkaim é representado por uma roda gigante com 180 metros de diâmetro e dois círculos de paredes poderosas: externa e interna. Particularmente impressionante é a parede externa de cinco metros de espessura, feita de solo e com uma galeria interna. Um fosso profundo foi cavado do lado de fora ao redor da parede. O fosso interno é coberto com piso de madeira, possivelmente

representando um esgoto pluvial. Das paredes em direção à praça central havia moradias. Essas casas eram bastante grandes: até 20 metros de comprimento e mais de 6 metros de largura, onde, segundo especialistas, podiam acomodar até 50 pessoas. Em cada casa havia lareiras, poços, fossas para armazenar alimentos, salas para famílias individuais. O chão estava coberto com uma camada sólida de argamassa de limão. No total, o assentamento acomodou até duas mil e meia pessoas. Os habitantes tinham muito gado, especialmente cavalos – esbeltos, de pernas finas, velozes, atrelados a carros de guerra, esses antigos “tanques” das estepes da Eurásia. Um alto grau de perfeição foi alcançado na produção de produtos de bronze. Acredita-se que dispersem daqui para lugares muito distantes. Muitos estudiosos acreditam que estes são antigos arianos, indo-arianos, ou seja, os povos do grupo de idiomas iraniano.

A abertura de monumentos desse tipo provocou uma discussão sobre o que eram essas estruturas. Alguns pesquisadores acreditam que se trata de uma caravancará – uma fortaleza em que caravanas com minério de cobre do rico depósito de Tash-Kazgan se refugiavam à noite. Como argumento, indica-se que eles estão dispostos em duas cadeias esticadas de norte a sul a uma distância de cerca de 50 km uma da outra, ou seja, um dia de travessia. Outros afirmam que esses são centros religiosos nos quais várias centenas de pessoas viviam constantemente: padres, artesãos e guardas, enquanto o resto veio aqui para festas religiosas de um distrito rural. Outros ainda os chamam de templos religiosos dos antigos arianos, semelhantes aos descritos no épico indiano antigo “Avesta”. Nas camadas mais antigas dos Avesta – yashts, bem como nos hinos do Rigveda (Veda) – as terras dos Urais do Sul são realmente mencionadas.

Dos Urais ao Dnieper, houve uma sucessão de três culturas arqueológicas: poço antigo, catacumba e casa de madeira. O nome da cultura foi dado aos desenhos dos túmulos característicos de cada um deles (um poço no solo, um poço de catacumba com um nicho lateral e um poço no chão com uma casa de madeira). A cultura do poço é uma cultura arqueológica da idade do cobre tardia – idade do bronze precoce (3600—2300 aC). Ocupava o território dos Urais do Sul, no leste, até o Dniester, no oeste, da Cáucasia, no sul, até o Volga Médio, no norte. Algumas das línguas indo-européias da Europa surgiram como resultado da migração em massa de falantes de proto-língua do território europeu da Rússia moderna. Em particular, como resultado dessa migração, as línguas báltico-eslava, germânica e românica provavelmente surgiram. Especialistas chegaram a essa conclusão analisando o genoma de 94 pessoas que moravam de 3 a 8 mil anos atrás na Europa. A genética descobriu que, a partir de 4,5 mil anos atrás, aproximadamente 75% das pessoas na Europa Central tinham ancestrais das estepes da Rússia. Esses representantes da cultura da cerâmica do cordão eram os ancestrais de pessoas de outra cultura – a cova, que vivia no território entre o Dnieper e o Volga. Isso pode significar confirmação da hipótese de que a cultura da cerâmica de cordas surgiu sob a influência do poço ou seus representantes foram fortemente influenciados pelo anterior. Os cientistas também observam que pessoas da cultura do poço poderiam se espalhar para o território da Europa tecnologias relevantes para a época, em particular o movimento com a roda. Isso, em particular, é indicado pelo fato de veículos com rodas e cavalos domesticados terem aparecido na Europa há cerca de 5—6 mil anos atrás. Pelo menos metade dos homens de descendência europeia são descendentes dos faraós egípcios e, em particular, parentes de Tutancâmon. Os biólogos realizaram estudos interessantes de análises de DNA do cromossomo Y – o cromossomo sexual masculino. Os especialistas estudaram os chamados haplogrupos – conjuntos de sequências específicas de DNA, incluindo genes e espaço intergênico, que quase sempre ocorrem nos cromossomos juntos. A ligação incomum de fragmentos de DNA individuais um ao outro é explicada pelo fato de que durante a transferência de material genético dos pais para os descendentes, ele embaralha parcialmente e, como resultado, blocos inteiros de DNA materno e paterno são misturados nos cromossomos das crianças. Analisando esses haplogrupos e comparando-os com pessoas diferentes, os cientistas foram capazes de julgar a origem de seu “proprietário”. Os haplogrupos localizados no cromossomo sexual masculino são especialmente interessantes nesse aspecto, uma vez que são herdados “sem ambiguidade” – apenas de pai para

filho, além do DNA mitocondrial (DNA contido em organelas especiais e transmitido apenas de mãe para filha). Consequentemente, se duas pessoas no cromossomo do mesmo sexo têm os mesmos haplogrupos, isso significa que são parentes. Com o tempo, várias mutações podem se acumular no DNA que não afetam ou não afetam muito o funcionamento dos genes (devido à sua inofensividade, são herdadas e não removidas da população por seleção) e, avaliando o número dessas mutações, os pesquisadores determinam quanto tempo um haplogrupo se formou. Com esses dados em mãos, os especialistas podem descobrir de onde vieram os ancestrais de várias populações humanas e quais eram suas rotas de migração. A ciência que estuda essas coisas é chamada genogeografia. Os autores de um novo estudo do centro de pesquisa de genealogia iGENEA na Suíça acabaram de realizar análises de haplogrupos no DNA isolado dos restos do faraó Tutankhamon (nascido como Tutankhaton), que governou aproximadamente de 1333 a 1323 aC (embora, na realidade, esse faraó não tenha liderado o país, desde que no momento da ascensão ao trono ele tinha dez anos). Ele morreu aos 19 anos. Nefertiti era sua mãe ou madrasta, e seu marido Akhenaton (Amenhotep IV) era seu pai, foi durante a erupção do vulcão Santorin (Tyra) por volta de 1380 aC, e uma série de terremotos, conhecida no livro bíblico “Êxodo”. O faraó mudou seu nome para Akhenaton “Agradável a Aton” – o disco solar). Os cientistas conseguiram restaurar parcialmente a sequência do cromossomo Y de Tutankhamon e, em particular, determinar quais haplogrupos estão presentes nele. Um deles acabou sendo o R1b1a2 – e se, para a maioria dos leitores, essa combinação de letras e números não diz nada, então é bem conhecido dos especialistas. Mais da metade dos homens da Europa Ocidental carrega esse haplogrupo em seus cromossomos Y, e em alguns países a proporção de parentes do faraó é próxima de 70% (por exemplo, na França, esse haplogrupo está presente em 60% dos homens e na Espanha – em 70%).

Presumivelmente, o R1b1a2 foi formado há cerca de 9,5 mil anos atrás em uma população de pessoas que vivem nas margens do Mar Negro. Cerca de 9 mil anos atrás, os transportadores desse haplogrupo começaram a se mover lentamente para o noroeste – foram eles que trouxeram a agricultura para a Europa. Além disso, entre os egípcios modernos, a proporção de portadores do haplogrupo R1b1a2 é inferior a um por cento. Os autores de um novo estudo estão considerando várias hipóteses que explicam o quão raro no Egito R1b1a2 poderia entrar nos cromossomos de Tutankhamon. Uma opção sugere que o haplogrupo “viajou” no DNA dos hititas, o povo indo-europeu que viveu na Ásia Menor na Idade do Bronze. Por volta de 4400 aC, alguns dos hititas, cujos cromossomos Y R1b1a2 estavam presentes, foram para a Europa e, no período entre 2500 e 2300 aC, os hititas migraram parcialmente para o Egito. A genealogia de Tutancâmon pode ser rastreada apenas em um período de tempo relativamente curto; portanto, é possível que o jovem faraó possa ter raízes hititas, isto é, indo-européias.

No primeiro milênio aC e nos primeiros séculos de nossa era, as tribos de língua iraniana dos sármatas e citas estavam localizadas nas margens da Grande Estepe. Segundo os cientistas, estes eram descendentes das culturas Andronovo e Srubnaya. Nas estepes dos Urais do Sul, por onde passava a fronteira de distribuição dessas culturas, os contatos mútuos entre eles eram uma zona de processos étnicos ativos, como resultado da qual o mundo sármata se formou. Os termos “sármatas” e os primeiros “savromats” são coletivos, o que significa um extenso grupo de tribos relacionadas aos primeiros nômades. Nas descrições de autores antigos, encontramos os nomes de algumas dessas tribos: Aors, Alans, Roxolans, Syraks, Yazamats, Yaksamats e outros. Talvez os únicos monumentos da permanência de mil anos dos sármatas sejam numerosos montes, às vezes atingindo 5—7 metros de altura. Os montes Savromat e Sarmatian estão mais frequentemente localizados em grupos em lugares altos, morros, serras, de onde se abre um amplo panorama das vastas estepes.

Airyranem-Vaedzha (“espaço ariano”) – o lar ancestral mítico dos antigos iranianos, arianos; de acordo com Videvdat (Wendidad, o primeiro livro do Avesta, uma coleção de livros sagrados da antiga religião iraniana, uma espécie de continuação iraniana dos Vedas), começa com uma lista das 16 “melhores” “localidades e regiões” criadas por Ahura Mazda para a humanidade (Material da

Wikipedia, a enciclopédia livre) Este país é descrito como uma planície interminável através da qual o belo rio Daitya (Vahvi-Datiya) flui. Quando os desastres foram enviados ao país por Ahura Mazda, foram nomeadas “cobras avermelhadas” e um inverno de dez meses. As duras condições climáticas do “melhor país” causam debate entre os cientistas – por exemplo, Helmut Gumbach explica essa discrepância pela perda da linha presente no texto Pahlavi do Avesta: “e depois: sete meses de verão e cinco meses de inverno”, o que é totalmente consistente com as normas climáticas e geográficas do sul Ural. Muitas vezes mencionado também em outras passagens do Avesta como a lendária terra natal de Zarathushtra e como o centro do mundo. Quanto ao reino animal, as neves rastejantes ainda são encontradas nos Urais do Sul.

Autores antigos aC chamaram os Urais – Lycos, (que em grego significa “lobo”), Ptolomeu – século II dC – Daiks, Zemarha – 568 – Daikh, Ibn Fadlan – 921—922 – Jaih, al -Idrisi – 1154 – Ruza, Anais russos – 1229 – Yaik, Willem Rubruk – 1253 – Yagak, N. e M. Polo – 1265 – Yagat, Ibn Battuta – 1333 Ulusu, Mapa de Moscovo S. Herberstein 1549 – Yaik, K.Kh. Jalairi – 1592 – Yaik, “O livro para o desenho grande” – 1627 – Yaik, fontes russas – XVII – XVIII – rio Zapolnaya, decreto de Catarina II sobre a renomeação do rio – 1775 – Urais. O nome Yaik e Daiks, Daikh, Yagak e outros em sintonia com ele foi encontrado por cerca de 2 mil anos. É fácil notar que o nome do rio Daitya é muito semelhante ao acima! Talvez o nome do rio remonte aos eslavos-iranianos e signifique “dar”. Arias (arianos) – o nome dos povos pertencentes aos indo-europeus (principalmente indo-iranianos). Raça ariana – um termo usado em conceitos racistas para se referir ao tipo racial “superior” – Aryans loiro, os fundadores de grandes civilizações. O etnônimo ariano, há muitos milênios atrás, significava “lavrador”, e depois se tornou o nome do povo governante da Índia antiga. É possível que exista uma conexão entre a palavra “arianos” e a palavra comum, em sua base fundamental, para todos os povos eslavos do Báltico, significando esse conceito inicial. A palavra latina aries significa ram, aries. Perto dele está a contraparte grega. Com base na mitologia dos hinos védicos compostos pelos arianos, pode-se concluir que “o país da zona temperada, semelhante ao clima na Rússia central, era a pátria original de sua tribo ancestral, um país estranho aos trópicos e às geadas das terras mais próximas ao pólo ... ” Os arianos estreitamente unidos ou mesmo constituíam uma comunidade intimamente relacionada com as tribos eslavas proto-bálticas. Uma das principais confirmações científicas desse fato é a notável semelhança entre o sânscrito dos arianos védicos e as línguas eslavas, especialmente eslavas orientais – em termos do principal fundo lexical, estrutura gramatical, papel dos formantes e muitas outras particularidades.

Encontrada em 1993 em Altai, a múmia da “princesa de Ukok”, como descobriram os cientistas, também pertence aos caucasianos. Acredita-se que esta seja uma das descobertas arqueológicas mais significativas do final do século XX. De acordo com as crenças da população indígena de Altai, ela guardava a chamada faringe da terra – a entrada para o reino subterrâneo. Quanto à nacionalidade da “Princesa de Ukok”, ainda estão em andamento disputas. A análise de DNA mostrou que a garota pertencia à raça caucasiana, os antropólogos também afirmam que a “princesa de Ukok” “tinha traços sul-caucasianos e suas roupas são de origem indo-européia e não turca”. Como segue os dados da pesquisa interdisciplinar, a “princesa” morreu aos 25 anos de idade, pertencia aos estratos médios da sociedade Pazyryk e viveu cerca de 2,5 mil anos atrás. O que prova a migração dos povos indo-europeus não apenas para o oeste (Europa) e o sul (Hindustão), mas também para o leste. Sabe-se que um grande grupo de tribos caucásóides “di” viveu na China ocidental moderna até o século V, e então assimilou-se com os chineses. Na Sibéria do Sul, no primeiro milênio aC e no primeiro milênio aC, o povo europeu “Dinlins” vagou e depois se misturou aos quirguizes, esses são os chamados Yenisei Kirghiz.

*Tigelas (respectivamente): Arkaim, Europa, cultura de pit*



No Avesta, o deus Ahura Mazda (um sacerdote extremamente experiente) aconselha o lendário rei imaculado dos antigos arianos (indo-europeus) Yima a criar uma cerca gigante – Varu, e lá, para esta cerca, coloque “a semente de todos os machos e fêmeas que são maiores nesta terra e a semente de todos os gêneros gado e a semente de todas as plantas. E fazer tudo em pares, enquanto as pessoas estão em Var ... ” O lendário Vara consistia em 3 círculos, fechados um no outro. Do extremo, 9 passagens foram conduzidas, do meio – 6, do interior – 3. E nesse território cercado de ventos malignos, Yima construiu 18 ruas e criou uma janela acima do topo – algo como uma chaminé de fumaça. O patrono da forja no panteão pagão eslavo era o deus ferreiro Svarog (sânscrito. “Svarga” – céu). A imagem de Svarog está próxima do grego Hefesto e Prometeu. O sol – Sim-Deus – na mitologia eslava era considerado o filho de Svarog. No calendário folclórico cristão, Svarog se transformou em santos Kozma e Demyan – patronos de ferraria e casamento. A própria presença dos deuses – os patronos do forjamento – indica a antiguidade de sua origem. Com a palavra “Svarog”, a palavra “suástica” (sânscrito) é similar em idioma – uma cruz com pontas dobradas em ângulo reto, um dos motivos ornamentais mais antigos encontrados entre os povos da Índia, China e Japão, onde o sinal da suástica tinha significado religioso. Compare também as palavras eslavas “cozinhar”, “soldar”. Nas estepes dos Urais-Altai, o forjamento já alcançou um desenvolvimento significativo entre as tribos citas da região norte do Mar Negro (7 a 4 séculos aC), bem como entre os sármatas e eslavos, conhecidos nos séculos 4 a 6 sob o nome de Antes. Nos séculos 10 a 11, os produtos de ferro e aço na Rússia foram difundidos e tiveram diversas aplicações. Os metalúrgicos antigos geralmente concentravam em suas mãos tanto a fundição de ferro do minério do pântano, o chamado “cozimento” de ferro e a fabricação de vários produtos de ferro, quanto a forja de cobre, estanho, prata e ouro, especialmente em jóias. Uma lareira foi usada onde torrões de minério do pântano eram cobertos com carvão por baixo e por cima, que era aceso e aquecido até a temperatura desejada. O ferro fundido fluíu para o fundo da lareira e formou uma massa viscosa (crits). O ferreiro pegou-

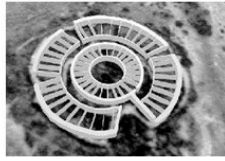
o com pinças e, forjando-o com um martelo na bigorna, deu ao produto a forma desejada, arrancou escórias da superfície e reduziu a porosidade do metal. O desenvolvimento do ferro levou a um salto significativo no desenvolvimento. Além disso, depósitos de estanho e cobre, e sua liga de bronze, no habitat dos antigos indo-europeus estavam praticamente ausentes, eram importados de outros territórios. Os minérios de ferro eram mais difundidos que o cobre e o estanho; os minérios de ferro eram formados em grandes quantidades sob a influência de microorganismos em pântanos e corpos d'água estagnados. E a área de distribuição dos antigos indo-europeus foi caracterizada precisamente por uma abundância de lagos e pântanos. Diferentemente do cobre e do estanho, nos tempos antigos o minério de ferro era extraído de minério de ferro marrom, lago, pântano e outros minérios. Um pré-requisito para o amplo uso da metalurgia do ferro era o processo de queijo cru, no qual a redução de ferro do minério era alcançada a uma temperatura de 900 graus, enquanto o ferro era derretido apenas a uma temperatura de 1530 graus, para produzir ferro pelo método do ferro bruto, o minério era esmagado, calcinado em fogo aberto e depois em poços ou poços. pequenos focos de argila, onde o carvão era depositado e o ar soprado pelo fole, o ferro era restaurado. Um grito se formou no fundo da fornalha (compare Krishna do sânscrito, lit. – “escuro, preto”, um dos deuses reverenciados no hinduísmo). – um pedaço de ferro poroso, pastoso e muito contaminado, que depois foi submetido a forjamentos a quente repetidos. O ferro berrante era notável por sua suavidade, mas já nos tempos antigos foi descoberto um método para a produção de metais mais duros, endurecendo os produtos de ferro ou cimentando-os, ou seja, calcinando o carvão ósseo para fins de carbonização. O forno de forja para a produção de ferro no processo de fabricação de queijos era um buraco raso no solo, para o qual o ar do fole era alimentado com tubos de argila, que observamos nas reconstruções antigas de Arkaim, Quintana, Goloring e outras aldeias.

Posteriormente, esses esquemas de construção começaram a ser considerados sagrados e foram reproduzidos em várias variações cruciformes, incluindo na forma de uma suástica, a *domnica* primitiva tinha a forma de estruturas cilíndricas feitas de pedras ou argila, estreitadas para cima, daí o aparecimento de uma suástica, uma cruz com extremidades dobradas em ângulos retos. De baixo, os canais foram arranjados onde os tubos dos bicos de argila foram inseridos, as peles de couro foram presas a eles, com sua ajuda, o ar foi bombeado para o forno. Esses projetos se assemelhavam a vários tipos de cruzeiros, que mais tarde foram deificados no hinduísmo, budismo e cristianismo. A cruz foi reverenciada em cultos pré-cristãos. Suas imagens foram descobertas durante escavações arqueológicas em diferentes partes do globo, em particular na América do Sul e Nova Zelândia. Foi estabelecido que ele serviu como um objeto de adoração de outras nações como um símbolo de fogo, que foi originalmente extraído pelo atrito de duas varas cruzadas, um símbolo do sol e da vida eterna. Já na antiguidade, a fim de reduzir o ponto de fusão dos metalúrgicos, eles começaram a usar fluoritos (fluorita, fluoritos vêm em cores diferentes: violeta, amarelo, verde, raramente incolor) e podiam receber aço a uma temperatura de 1100 – 1200 graus, em vez de 1530—1700 graus, que permitiu gastar menos combustível (madeira ou carvão) durante a produção de aço, obtendo produtos de ferro muito duráveis.



J. J. Frazer, *The golden Bough*, Londres, 1923, Moscou, Political Literature Publishing House, 1986, p. 158: “A principal divindade dos lituanos era o deus do trovão e relâmpago, Perkunas ou Perkuns, cuja semelhança com Zeus e Júpiter era freqüentemente notada. Os carvalhos eram dedicados a ele e, quando os missionários cristãos os derrubavam, os moradores expressavam abertamente a insatisfação com o fato de que suas divindades da floresta foram destruídas. Em homenagem a Perkunas, luzes eternas queimavam, sustentadas pela madeira de certos carvalhos, se esse fogo morresse, era novamente aceso esfregando pedaços de uma árvore sagrada. carvalhos, e as mulheres -. Lindens Este mozh–no concluir que os carvalhos são vistos ser do sexo masculino, e li–pah -. feminina” Em conexão com a afirmação do patriarcado entre os povos indo-europeus, o carvalho se tornou uma árvore “sagrada” e o tília era uma árvore “ruim”. “Linden” em russo é chamado de falso, falso. (ibid., p. 580). Enquanto o fogo é aceso, com a ajuda de duas barras em forma de cruz, o protótipo da futura cruz: “No País de Gales, as luzes de Beltan, como sempre, também foram queimadas no início de maio; no entanto, a data desta cerimônia variou de 30 de abril a 3 de maio. Às vezes, o fogo foi aceso pelo atrito de duas barras de carvalho, que se seguem da descrição a seguir: “O fogo foi aceso dessa maneira. Nove pessoas viraram os bolsos do avesso para que não houvesse uma única moeda, nem uma única peça de metal. Então os homens foram para as florestas próximas e recolheram nove galhos diferentes Tudo isso tomou forma no local onde a fogueira deveria ser colocada. Um círculo foi desenhado no chão e a lenha foi dobrada transversalmente dentro dela. A platéia, fechando o anel ao redor do fogo, assistiu o que estava acontecendo. Um dos homens pegou duas vigas de carvalho e as esfregou até a chama aparecer, o fogo se espalhou pelo mato e logo uma enorme fogueira se acendeu. Às vezes, duas fogueiras eram colocadas uma contra a outra. Essas luzes – uma ou ambas – eram chamadas de celeiro (traduzido: fogueiras). Tortas redondas de farinha de aveia e farinha integral foram divididas em quatro partes e colocadas em um saquinho debaixo da farinha, e cada uma delas teve que retirar sua parte de lá. A última peça foi para quem segurava a bolsa. Aqueles que tiraram um pedaço de bolo da farinha integral tiveram que pular a chama três vezes ou correr três vezes entre duas fogueiras, o que, segundo os presentes, prometeu uma colheita abundante. Os gritos e gritos das pessoas saltando pelas chamas foram ouvidos em todo o distrito. Aqueles que tiraram um pedaço de bolo da aveia cantaram, dançaram e bateram palmas, aplaudindo os donos de tortilhas integrais, pulando sobre as chamas ou correndo entre duas fogueiras. “Frazer não exclui isso” ... antes de mergulhar nas densas florestas da Europa, os arianos realmente, como alguns pesquisadores acreditam, perambulavam com seus rebanhos pelas vastas estepes da Rússia e da Ásia Central ...»(ibid., pp. 662—663).

*Arkaim (reconstrução. E fotografia aérea)*



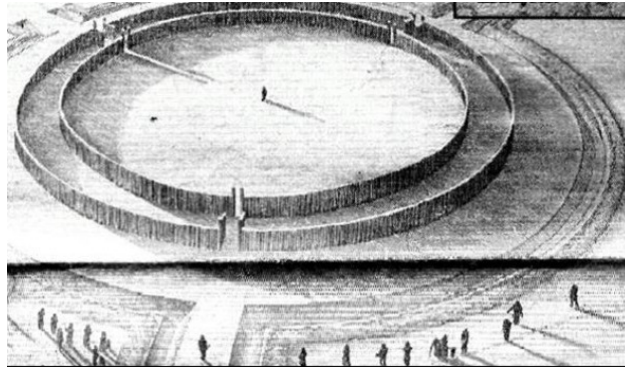
Estruturas semelhantes existem na Europa e são chamadas de cultura de valas. Cerca de 150 dessas estruturas são conhecidas por arqueólogos na Alemanha, Áustria, Eslováquia e República Tcheca. O diâmetro das valas varia de 20 a 130 metros, todos eles pertencem ao 5º milênio aC. Nas proximidades, foram encontradas ferramentas, ossos e outros artefatos. A maior dessas estruturas foi encontrada em Leipzig na década de 1990, e outra foi encontrada perto da vila de Aitra, perto de Leipzig. As descobertas no contexto de valas circulares e assentamentos relacionados com uma característica – casas longas – pressupõem que elas foram usadas continuamente por cerca de 200 anos até cerca de 4600 aC. Os construtores de valas em anel geralmente estão associados à cultura da cerâmica com fita linear. Aparentemente, eles viviam em casas longas da comunidade e estavam envolvidos na criação de gado: gado, ovelhas, cabras e porcos.



Alemanha: Quintana



Alemanha: Goloring



Esquema da aldeia (reconstrução)



Símbolo da Índia – roda (Chakra)



Megálitos da Ilha Vera são um complexo de sítios arqueológicos (megálitos – uma tumba de câmara, dolmens e menires) na ilha do Lago Turgoyak (perto de Miass) na região de Chelyabinsk. Os megálitos mais antigos da Terra foram supostamente construídos cerca de 6 mil anos atrás, no 4º milênio aC, ou seja, antes do famoso Stonehenge na Inglaterra (5 mil anos atrás, o 3º milênio aC).



O “ídolo Shigirsky” é considerado a escultura de madeira mais antiga do planeta, cuja idade, segundo os cientistas, é de 10 mil anos.

Os Urais – essa região é geograficamente uma ponte do sul para o norte desde o Paleolítico – essa rodovia montanhosa da Grande Estepe ao Ártico acabou sendo muito importante para a era do assentamento inicial da Eurásia. Em todas as mitologias, as montanhas são uma esfera divina. Além disso, todas as primeiras habitações estavam em cavernas (uma pessoa dominava o planeta, expulsando um urso da caverna de lá). As montanhas são um local conveniente para “ninhos” em

que as pessoas vivem; é bom se esconder nas montanhas. Não é por acaso que os Urais eram caros e um conjunto de “ninhos”. Por um lado, havia uma encruzilhada de tráfego pesado e, por outro, abrigos. É nos Urais que surge a civilização mais antiga do mundo, cujos descendentes também encontraram os estados mais antigos do planeta – na Suméria, no Egito Antigo, na Índia, na Pérsia e na China. Portanto, os sumérios que vieram para a Mesopotâmia lançaram as bases de uma das maiores civilizações da região, e é por isso que a escrita suméria nasceu “como um deus de um carro” – de forma súbita e imediata, de forma desenvolvida, seus fundamentos já existiam entre os antigos indo-europeus. Já em 1961, foram encontradas três tábuas de barro perto da vila romena de Terteria, cobertas com escritas pictográficas e datadas do 5º milênio aC (têm 7 mil anos!), Ou seja, muito antes dos sumérios (3º milênio aC)) Os sumérios colocaram seu lar ancestral em algum lugar do nordeste. Onde – eles mesmos não sabiam exatamente, embora o herói central de seu épico Gilgamesh se chame “Tudo o que viu”. O único sinal da pátria ancestral é o terreno montanhoso.

## **Конец ознакомительного фрагмента.**

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.